



UM ESTUDO SOBRE OS ESTILOS PARENTAIS: REFLEXÕES SOBRE O NÃO LUGAR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Paula Cavalcanti Carvalho¹
Dr. Célio Rodrigues Leite²
Dra. Débora Quetti Marques de Souza³

RESUMO

Este trabalho se refere a uma pesquisa realizada com pais e/ou cuidadores parentais de variados Estados do Brasil que foram contatados através da comunicação dos pesquisadores com a equipe gestora de escolas de Educação Infantil para responderem a um questionário online sobre os estilos parentais. O objetivo da presente pesquisa foi investigar os estilos parentais e suas interferências na aprendizagem das crianças que estão na primeira infância e vivenciando o ensino remoto. O questionário contou com 39 perguntas, entre elas de múltipla escolha, com mais de uma alternativa para marcar e questões abertas, e todas as perguntas foram baseadas nos 12 princípios da Educação Positiva, contando com 136 participantes. Para análise de dados utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2016) que traça um caminho onde a categorização e a organização dos dados prevalecem para a estruturação dos achados, e assim foi possível elaborar categorias de análise em questões abertas que tiveram uma grande variabilidade de respostas, e dentre essas categorias elegeu-se: *Regras, Aprendizagem inclusiva, Estado emocional*, tomando como unidade de registro *Estilos parentais*. Depreende-se que em tempos de pandemia a aprendizagem de crianças na Educação Infantil tem ocupado o não lugar, visto que o ensino remoto lança novos caminhos na educação, e precisa-se ressaltar que as regras estabelecidas pelos adultos na rotina com as crianças apresentam muita instabilidade atualmente, inclusive o estado emocional dos cuidadores.

Palavras-chave: Estilos Parentais, Educação Infantil, Ensino Remoto, Aprendizagem, COVID - 19.

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir está vinculado ao grupo de pesquisa GIPPPGE – Grupo Internacional de Pesquisas em Políticas, Práticas e Gestão da Educação, na linha de pesquisa Prática Pedagógica, Currículo e Formação de Professores, o mesmo grupo é pertencente à Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Garanhuns.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco – UPE e Participante do Grupo Internacional de Pesquisas em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (GIPPPGE – UPE), mariiapaula18carvalho@hotmail.com;

² Doutor e mestre em educação (UFPR), com estágio avançado na Universidade do Minho, em Portugal, Formado em Pedagogia e Ciências Biológicas, Professor da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná – SEED/Pr, escritor e Pesquisador do Grupo Internacional de Pesquisas em Políticas, Práticas e Gestão da Educação - (GIPPPGE – UPE), celio-leite@uol.com.br

³ Doutora e mestre em Educação (UFPE), com especialização em Psicopedagogia (UEPB), em Educação Infantil (UFPB), e em Gestão escolar (UFPE), possui Graduação em Pedagogia com habilitação em Supervisão educacional (UEPB), Professora adjunta do Curso em Licenciatura em pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE e Pesquisadora do Grupo Internacional de Pesquisas em Políticas, Práticas e Gestão da Educação - (GIPPPGE – UPE), deboraquetti@gmail.com



A família é a instituição que inaugura a criança nos processos de socialização do mundo, e a escola vem como um contexto ecológico subsequente que tem uma intencionalidade educativa e que inscreve na rotina do sujeito em desenvolvimento um leque de possibilidades a partir do cultivo de habilidades socioemocionais, concomitante trabalha à favor da práxis pedagógica que visa reconhecer o aluno enquanto sujeito de direitos e a ele lança um olhar que instiga a autonomia para que ele seja autor no processo de conhecimento e descoberta de si e do mundo. Família e escola são responsáveis por sedimentar no ser humano o seu desenvolvimento integral, porém é preciso haver uma conversação por parte da família com a escola, pois ao contrário dos estigmas cristalizados no senso comum sobre a escola ser um lugar de assistência, essa por sua vez é lugar de aprendizagem e de intencionalidade educativa. As mudanças no mundo ocorrem repentinamente e convocam o sujeito a se reinventar e a adotar uma abertura para novas formas de fazer a educação. O atual cenário mundial provoca redefinições nas interações entre família, criança e escola, e sabendo que a família é a instituição responsável pelos cuidados e formação do psiquismo da criança, surge o questionamento de como a família tem ajudado a fortalecer a aprendizagem da criança na educação infantil no que concerne as suas posturas parentais em tempos de pandemia?

O trabalho surge a partir de implicações dos pesquisadores sobre os atravessamentos do ensino remoto e a aprendizagem na educação infantil durante a pandemia do Covid-19 que tem estabelecido novos modos de fazer educação, e no sentido de requisitar os estilos parentais e/ou posturas da família na comunicação com as crianças a pesquisa se desenvolve para entender como a família pode impactar para o fortalecimento e integração da criança no ensino remoto quando essa firma práticas da educação positiva no cotidiano. Como objetivo da presente pesquisa procurou-se identificar os estilos parentais na educação infantil e seus desdobramentos no ensino remoto e na aprendizagem das crianças em tempos de pandemia.

METODOLOGIA

O questionário foi aplicado de forma coletiva e anônima, e as escolas de educação infantil foram contatadas em nível nacional por meio de e-mails e mensagens dos pesquisadores para com sua respectiva equipe gestora onde foi explicado a essa o objetivo da presente pesquisa e foi exposta também a instiga dos pesquisadores com o tema em questão, partindo do pressuposto de que a equipe gestora tem o acesso mais facilmente a um grande número de pais e/ou cuidadores das crianças matriculadas em sua instituição. O questionário foi disponibilizado de modo online através de link na plataforma *Google Forms*, onde o acesso para o preenchimento do mesmo foi pelo compartilhamento em grupos nas redes sociais, *instagram*,



whatsapp e *facebook*. Esses três aplicativos foram o meio que proporcionou o acesso dos pesquisadores aos cuidadores. O convite para os participantes foi destacado de forma escrita junto ao *link*, a mensagem que acompanhou o *link* falou sobre os pré-requisitos necessários para poder participar da pesquisa que é ser pai/mãe ou cuidador de crianças, onde essas se encontrem matriculadas na educação infantil e tenham vivido a experiência do ensino remoto durante a pandemia. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi disponibilizado online antes do preenchimento do questionário, onde o/a participante só aceitaria fazer parte da pesquisa se desejasse, pois junto ao termo foi descrito, inclusive o tema e objetivo da pesquisa, bem como o nome dos pesquisadores e seus contatos, caso o participante não quisesse continuar ele teve a opção de não avançar para a próxima tela onde tinha o questionário.

Quanto aos dados dos formulários obtidos depois da coleta dos resultados foram tabulados e organizados de modo a estruturarem-se em categorias de análise para a discussão entre os pesquisadores e fundamentação teórica que serviu para aprofundar esse estudo, não provocando nenhum dano aos respondentes. O acesso aos formulários é restrito apenas aos pesquisadores desse estudo, com isso pode-se afirmar que nenhuma identidade dos participantes será divulgada. Os pesquisadores durante todo o processo da pesquisa se disponibilizaram para qualquer dúvida que o público-alvo apresentasse.

O instrumento de coleta de dados foi construído pelos próprios pesquisadores, passando por revisão (e devidamente validado após sua aplicação numa amostragem). O instrumento de coleta de dados foi composto de 39 perguntas que versam sobre o comportamento, afeto, regras e/ou limites dos pais, aprendizagem da criança, situação emocional dos adultos e da criança, visão que os cuidadores têm do professor, dentre essas perguntas tiveram perguntas abertas, de múltipla escolha e outras com a opção de marcar uma ou mais alternativas. O questionário foi construído baseado nos 12 princípios da educação positiva proposta por Weber (2017) que são os seguintes: amor incondicional, conhecer os princípios do comportamento, conhecer o desenvolvimento de uma criança, autoconhecimento, comunicação positiva, envolvimento, usar consequências positivas: reforçar, elogiar, valorizar, apresentar regras, ser consistente, não usar punição corporal, mas consequências lógicas, ser um modelo moral, educar para a autonomia.

O questionário foi disponibilizado para recolhimento de respostas no dia 11 de setembro de 2020 até o dia 30 de setembro de 2020, e obteve-se um total de 136 respostas para a posterior análise. Vale destacar que tinha-se 148 respostas, porém foram excluídas as 12 primeiras devido a alguns problemas técnicos com o formulário online, e dentre esses formulários excluídos 3



deles se referia a pais que auxiliaram na validação do formulário, pontuando suas considerações acerca desse material. Participaram da pesquisa pais e/ou cuidadores de variados Estados brasileiros menos da região Norte que não foi possível alcançar. Em relação ao tipo de rede de ensino que as crianças da amostra provêm, 56% estão matriculadas na rede pública e 44% na rede privada.

A pesquisa não passou pelo Comitê de Ética, logo a mesma não colocou nenhuma identidade em risco, inclusive as discussões que as questões abertas do formulário suscitaram foram elaboradas em categorias de análise, baseando-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) que classifica esse método como reponsável por conferir organização aos dados que são transformados em categorias de análise com acuidade para o tratamento dos elementos e/ou informações importantes da pesquisa. Assim, procurou-se evitar também qualquer identificação de falas dos participantes, e os resultados obtidos poderão servir como referencial teórico para a formulação de políticas públicas na educação e saúde mental, e ampliação dos estudos sobre essa questão tão presente atualmente. Poderá também contribuir para a formação de professores e psicólogos que atuam com crianças de zero a cinco anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A parentalidade é um caminho que convida os pais a serem adultos participativos da rotina dos filhos, e a terem um olhar minucioso para a convivência com esses, pois pode ser determinante para o modo como a criança se ver no mundo e como convive no mesmo. Os pais precisam ter uma fala e comportamentos coerentes e de respeito com os filhos, convocando esses a uma relação de cuidado e confiança. Para Cartaxo (2016, p. 20):

O papel dos pais no desenvolvimento emocional dos filhos é extremamente importante. A fala exerce influência e tem impacto, seja positivo, seja negativo. As sentenças que fazem parte da comunicação de muitos pais podem construir crenças rígidas, destruindo a autoestima e a confiança das crianças. Ninguém se propõe a magoar seus filhos de propósito. É comum que isso ocorra de modo inconsciente. Então não deixe de avaliar seu nível de irritação antes de proferir palavras.

Uma educação saudável por parte dos pais envolve que esses reconheçam a criança enquanto sujeito em constante mudança, o qual o tempo vai interferindo no seu desenvolvimento, e assim as crianças agem de acordo com a maturidade que possuem em determinada idade. É comum ver pais preocupados e irritados com as birras que acontecem muito na infância, mas é preciso enxergar a criança e o seu cérebro em desenvolvimento, onde as emoções estão a todo vapor sendo expressadas em variados contextos. Cartaxo (2016, p. 52) afirma que: “Birras são manifestações ou resposta emocional intensas diante de uma situação ou de frustrações. É uma forma de chamar atenção”. Com isso, pode-se entender inclusive como é importante ter um entendimento sobre os comportamentos na infância.



A maioria dos cuidadores parentais não fazem uma diferenciação do significado de disciplinar e o de bater, pois as pessoas costumam formar suas concepções a partir de visões cristalizadas do senso comum e nem sequer procuram informações claras com profissionais da educação e da psicologia. A disciplina é uma forma de educar assertivamente por meio de regras e comunicação positiva, ao contrário as atitudes severas dos pais correspondem a práticas de punição corporal, e essas não ajudam a criança a se desenvolver pelo o contrário só provocam danos psicológicos e comportamentais.

De acordo com Cartaxo (2016) quando a criança obedece a um comportamento que envolve agressão dos adultos, ela obedece por medo, sendo crucial os pais reconhecerem que educar pode ser um ato respeitoso, e só quando esse reconhecimento acontece os adultos conseguem aderir a uma nova tomada de decisões na educação das crianças.

Educar exige para além da participação dos adultos na vida dos filhos, educar envolve afetividade e aceitação, logo os pais que amam seus filhos lhe admiram do jeito que são com seus gostos peculiares e talentos próprios, enaltecendo-os pelos seus feitos sempre que possível. Weber (2017, p. 22) elucida que:

Amar incondicionalmente vai além demonstração de afeto e carinho. É uma habilidade dos pais de mostrar ao seu filho que seus pensamentos e sentimentos podem ser expressos livremente e sem risco para o relacionamento. Amar incondicionalmente não é só elogiar, dizer coisas boas, presentear, mas é aceitar o seu filho, é valorizar as atividades e as escolhas que seu filho está fazendo.

Os estilos parentais correspondem a posturas e/ou atitudes adotadas pelos pais na relação com as crianças, sendo que o que caracteriza cada estilo são por exemplo, o modo como as regras são estabelecidas pelos pais e também o grau de envolvimento dos mesmos com os filhos. A disposição de afeto e limites dos adultos também determinará o clima emocional entre o adulto e a criança, e conseqüentemente o estilo parental do adulto.

Para estudar os estilos de liderança dos pais, considerou-se que o modelo de “estilos parentais” iniciado por Baumrind (1966) se apresenta como uma base teórica sólida e coerente, pois diferentes climas emocionais e graus de responsividade e exigência posteriormente descritos por Maccoby e Martin (1983), bem como controles coercitivos (Sidman, 1995), também estão presentes na relação pais e filhos.

Segundo Darling e Steinberg (1993), o conceito de estilo educativo parental vai além dos comportamentos e atitudes dos pais. O estilo parental é o contexto e o clima emocional no qual ocorrem os esforços dos pais para socializar e educar os filhos de acordo com suas crenças e valores. Para cada um dos estilos consideram-se sobretudo as dimensões de responsividade e exigência. A dimensão de responsividade se encontra no domínio afetivo e emocional, referindo-se à sensibilidade dos pais aos interesses e necessidades dos filhos. Por outro lado, a



dimensão exigência se refere ao controle exercido pelos pais, para o cumprimento das regras sociais e respeito às normas estabelecidas nos diferentes contextos frequentados pelos filhos.

De acordo com Leite (2018), os estilos de liderança, considerando a proposta iniciada por Baumrind (1966) e contribuições de Weber (2017) podem ser descritos como:

- Estilo de liderança autoritário: predomina a “alta exigência e a baixa responsividade”. Geralmente os pais valorizam a autoridade, a ordem e a estrutura tradicional da família. Seus filhos devem ser obedientes e seguir as regras, mesmo sem compreendê-las.
- Estilo de liderança permissivo: os pais são responsivos, porém não exigentes. Nesse caso não se importam com o estabelecimento de regras e limites, nem monitoram o comportamento dos seus filhos. Nesse estilo, tanto comportamentos adequados quanto inadequados são reforçados de forma contingente.
- Estilo de liderança negligente: os pais não são responsivos nem exigentes. Não estabelecem regras e limites, na relação com seus filhos, não monitora seus comportamentos. Geralmente não estabelecem uma relação afetiva com seus filhos.
- Estilo de liderança autoritativo³: pode ser considerado aquele estilo em que os pais combinam as dimensões de responsividade e exigência de forma “equilibrada”, estabelecendo limites, regras claras e coerentes e monitoram o comportamento dos seus filhos, com afetividade.

Os pais podem ter estilo autoritário, permissivo, negligente, autoritativo ou participativo. Os estilos parentais são importantes para se ter uma dimensão da conduta dos adultos na convivência com as crianças, e cada estilo fomenta comportamentos específicos na mesma, sendo o estilo autoritativo considerado o mais adequado. As crianças, principalmente na primeira infância possuem um cérebro onde as experiências armazenadas poderão repercutir até a vida adulta, e pensar numa educação para esses sujeitos é pensar também os adultos envolvidos nisso que são cuidadores parentais e professores. Tomando-se a priori a educação infantil e o contexto atual pandêmico que o mundo vive com o Covid-19, logo se vem à mente as práticas educativas do ensino remoto e o processo de aprendizagem, embora esse seja

³ Segundo Lins (2014), o termo “autoritativo”, que não se encontra dicionarizado em português, foi escolhido por alguns autores como tradução para a expressão em inglês authoritative que significa “autorizado”, “que tem autoridade”, ou “que é confiável”, a fim de se manter a semelhança com o termo original e sua filiação, evitando confusões com outras expressões também usadas para designar estilos parentais, como o termo “democrático”.



insubstituível em relação ao ensino presencial é necessário também enxergar suas potencialidades, pois o contexto da pandemia não tem um fim pré-determinado e é importante lançar um olhar de comprometimento com o cérebro da primeira infância que precisa ser estimulado e viver novas experiências, mesmo em nuances difíceis o ensino remoto pode trazer possibilidades de desenvolvimento para a criança, mas depende das atitudes parentais para favorecer a inserção da criança em novas relações, que nesse caso é uma relação frente às telas digitais.

Segundo Siegel e Bryson (2015, p. 29): “Neste exato momento, o cérebro do seu filho está sendo constantemente programado e reprogramado, e as experiências que você lhe proporcionar terão grande importância para determinar a estrutura do cérebro dele”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como unidade de registro o estudo adotou *Estilos Parentais*, escolhendo-se as seguintes categorias de análise para a discussão nesse trabalho: *Regras, Aprendizagem inclusiva, Saúde Emocional*. Em relação à seguinte pergunta do questionário, *Muitos pais quebram regras estabelecidas com as crianças por estarem num dia cansativo ou até mesmo por se afetaram com o estado emocional da criança. Relate a última situação que você deixou seu filho quebrar uma regra importante para você?* Das 136 respostas decidiu-se distribuí-las nas seguintes categorias: permissão do uso de aparelhos eletrônicos (37), flexibilidade de horários (6), permitir o atraso ou a não realização de algumas atividades escolares (14), não sabe (5), não respondeu (2), não lembra se ocorreu (15), não ocorreu (13), não adota regras (2), deixou quebrar a rotina por conta das especificidades da criança e do ambiente no momento (22), permitiu a criança fazer atividades que é mais para adultos (2), quebrou várias regras, mas a única regra que continua é não bater (1), comprar o que a criança pede (2), relevar as birras da criança (9), quando o estado emocional dos pais permitiu que relevassem as regras (6).

A partir dos dados observa-se que há uma grande recorrência de vezes que as regras não foram cumpridas na rotina dos adultos com as crianças, logo nota-se que isso se deve a variados fatores intrínsecos ao momento da situação, bem como a possibilidade dos adultos negociarem a flexibilidade das regras em contextos específicos.

Veja que cada família deve decidir o que é fundamentalmente importante, o que é negociável e o que não é negociável. É claro que é preciso ter um pouco de lógica e bom senso. Uma família não deve ser um quartel, onde os pais passem a maior parte do tempo apresentando regras e ordens inquestionáveis. Alguns comportamentos obviamente não podem ser tolerados como mentir e bater, mas outros podem ser decididos pela família, tal como tomar banho pela manhã, à noite ou pela manhã e à noite. (WEBER, 2017, p.96)



Ao estar em contato com os relatos dos respondentes da pesquisa muitos apontaram que relegam o cumprimento de certas regras em momentos específicos por conta do estado emocional da criança e/ou sua idade, e isso demonstra uma responsabilidade do cuidador que atenta-se para as necessidades da infância.

Segundo Weber (2017) as regras devem ser coerentes e de acordo com a idade das crianças para que haja uma melhor incorporação com certo grau de tolerância em relação à infância, ao passo disso é importante entender que expor a regra demasiadamente e impor muitos limites são atitudes que não contribuem para a criança lidar com as regras.

Há também adultos que preferem não adotar regras em sua rotina com as crianças e outros que consideram não precisar adotar regras para si próprio também, porém uma educação positiva envolve planejamento e supervisão dos pais, e as regras podem ajudar a favorecer comportamentos saudáveis por parte das crianças.

Weber (2017) aponta que as regras devem se estruturar em torno de um nível de planejamento, exigindo dos adultos que eles tenham um olhar minucioso para prever comportamentos e saber prevenir os indesejáveis, e além disso as regras necessitam ser supervisionadas, e inclusive os pais também devem seguir regras analisando não só o comportamento da criança como também o seu.

Em relação à pergunta, *Sua criança apresenta/apresentou dificuldades de aprendizagem com o ensino remoto? Se sim, descreva quais são essas dificuldades*, Foram 136 respostas organizadas nas seguintes categorias: não teve (56), problemas com a atenção (45), necessidade de interação (13), exaustão (3), dificuldade nas disciplinas (4), falha na comunicação da criança para com o professor (4), timidez (1), dificuldade na leitura (1), dificuldade na escrita (1), desinteresse da criança (8).

Ao se falar em aprendizagem na infância é importante compreender o que é ser criança, e nas respostas acima nota-se que houve diferentes nuances de dificuldades com a aprendizagem durante o ensino remoto, mas para se entender essa variedade de dificuldades antes é preciso olhar a infância em sua pluralidade, onde cada criança representa um mundo de especificidades, e assim é no processo do aprender que cada criança se revela em sua singularidade.

A infância, nesse sentido, é aquela que propicia devires, um vir-a-ser, que nada tem haver com o futuro, com um amanhã ou com uma cronologia temporalmente marcada, mas com aquilo que somos capazes de inventar como experimentação de outras coisas e outros mundos. A infância, em suas experimentações, está associada à criação, trabalha dentro de mais de um regime de tempo, o que está dado, que lhe é dado a conhecer, linear ou circular, com um tempo mais estendido, generoso – um tempo do acontecer e da invenção. (ABRAMOWICZ, LEVICOVITZ e RODRIGUES, 2009, p. 180)



A aprendizagem na educação infantil deve estar entrelaçada à inclusão, tomando cada criança como um mundo de possibilidades e autora desse processo de aprendizagem. Porém as dificuldades das crianças não devem ser encaradas pelas instituições família e escola como se fossem problemas a serem resolvidos, mas sim como demandas específicas de cada criança pelas quais a Práxis Pedagógica deve integrar em seu fazer a produção das diferenças, afastando-se de estigmas produzidos no campo da educação e assim edificando a aprendizagem inclusiva.

Com o propósito de promover desenvolvimento e socialização, as iniciativas pedagógicas calcadas no gregarismo assujeitam e subjetivam a criança pela uniformização de seus desejos, pelas pasteurização de suas singularidades, pelo apassivamento de seus talentos e pela desautorização de seu discurso. Produzir diferenças, torna-se, portanto, um desafio para as práticas educacionais, uma vez que delas se exige um posicionamento teórico diferente, talvez um desmantelamento do que foi produzido como referenciais em educação, referendados pela cultura, pela ideia de povo e pelas áreas que a formam, a exemplo da psicologia, com forte influência na educação. (ABRAMOWICZ, LEVICOVITZ e RODRIGUES, 2009, p. 187)

O que chamou atenção quanto às dificuldades de aprendizagem das crianças com o ensino remoto foi os problemas que os adultos enfrentam relacionados à concentração e atenção das crianças para com as aulas. Nesse ponto pode-se fazer uma reflexão pertinente quanto ao lugar que a atenção ocupa no cenário escolar. A atenção é vista socialmente como a base para a aprendizagem, porém a cognição inventiva propõe que a concepção de atenção não se reduz à noção de déficit com a ideia de atenção e desatenção, mas ao se falar dela deve-se enxergar a potência desse processo, pois a atenção envolve uma atuação com um plano cognitivo de forças que transcende a mera concentração. Isso significa dizer que a cognição inventiva propõe uma reflexão sobre a atenção aberta e fazendo uma associação com a dificuldade das crianças diante das telas com o ensino remoto, sua atenção pode não estar dirigida exclusivamente à aula virtual, mas isso não significa que ela não está aprendendo, pois os professores desenvolvem múltiplas atividades junto à criança para além da aula síncrona.

A aprendizagem da atenção é tão necessária à cognição inventiva quanto a aprendizagem da sensibilidade para o músico. Trata-se de afinar o instrumento para, ao tocar, extrair o som mais puro e mais cristalino de um campo sonoro que existia ainda sem atualização. O papel especial da atenção na preparação da atenção sensório-motora explica certamente o grande interesse que este tema desperta nos dias atuais. É por ocupar este lugar privilegiado que a atenção é tão visada pela mídia, pela propaganda e pelo mercado. Mas é também exatamente por este motivo que é tão urgente desvendar seu papel na cognição inventiva e apontar caminhos a serem trilhados através de práticas comprometidas em reativar outras atenções que, fazendo parte de um funcionamento complexo, constituem vias de resistência ao excesso de focalização que nos asfixia no trefismo fatigante dos dias atuais. (KASTRUP, 2004, p. 15)

Quanto à pergunta, *Como você se sente emocionalmente tendo que vivenciar uma nova rotina escolar com as crianças em meio à pandemia?*, Foram 136 respostas distribuídas nas



seguintes categorias: despreparo (10), fortalecimento na relação com a criança e /ou com a aprendizagem da mesma (10), sobrecarregado/a e/ou estresse (70), gratidão, otimismo e/ou redescoberta de suas forças (17), felicidade e/ou bem-estar (21), reconhecimento e valorização da prática do professor (1), triste (6), não respondeu (1).

Discutir sobre o estado emocional dos pais e/ou cuidadores de crianças durante a atual pandemia envolve pensar sobre as mudanças que o cérebro desses adultos passam em meio a esse novo cenário que a COVID – 19 tem provocado.

Assim a neuroplasticidade é a capacidade natural do cérebro de fazer novas conexões entre si, formando novos caminhos neurais – desde que seja estimulado. O cérebro é um órgão que quer aprender cada vez mais e se modifica de acordo com a interação com o ambiente. Cada atividade realizada estimula novos caminhos, modificando as estruturas cerebrais, aperfeiçoando-as cada vez mais. Se algum componente falhar, muitas vezes, outro componente assume sua função, reorganizando-se entre si. (RODRIGUES, 2015, p.25)

Notou-se que alguns respondentes destacaram estar num estado emocional de felicidade, mesmo em tempos de pandemia e com o fato de ter que lidar com o ensino remoto de sua criança. Isso acontece porque cada sujeito no mundo gerencia suas emoções de uma forma muito específica.

Rodrigues (2015) aponta que a felicidade envolve pré-requisitos como: controlar a fisiologia das emoções, controlar pensamentos e emoções perturbadoras, procurar ter menos vulnerabilidade a ações, palavras e circunstâncias, mudar hábitos e atitudes destruidoras, estabelecer emoções saudáveis e cultivar emoções positivas.

Nos momentos difíceis da vida muitas pessoas descobrem suas forças pessoais e habilidades que nunca imaginou possuir. As forças pessoais compõem as características psicológicas do sujeito, e muitas vezes é em situações conflituosas que surgem as forças pessoais, por exemplo a perseverança e o otimismo se edificam na vida do homem quando ele está diante de adversidades. Alguns respondentes destacaram que ao lidar com o ensino remoto de sua criança descobriram suas forças e inclusive se apresentam otimistas em meio à pandemia.

A força pessoal é um traço, uma característica psicológica que pode ser observada em várias situações e ocasiões. As forças valem por si e geralmente produzem boas consequências. Geram um senso de autenticidade: “este sou eu”. [...] Sentimo-nos entusiasmados quando utilizamos nossas forças pessoais e temos um sentimento de que é inevitável não ser assim. Dessa maneira, para uma vida mais feliz, devemos criar projetos pessoais que girem em torno de determinada força, porque ela nos deixa revigorados ao invés de exaustos. Assim, é possível ter o crescimento psicológico através do *flow* (sentir fluir/plenitude), por meio do qual os indivíduos podem florescer. (RODRIGUES, 2015, p. 80)

Um grande número de pais elucidou que se encontram extremamente cansados, e isso se deve ao fato de que a atual pandemia têm aumentado suas atribuições no dia a dia, e a sobrecarga de atividades têm gerado estresse e ansiedade. Outros demarcaram que sentem tristeza, essa



emoção embora seja desagradável, também pode auxiliar para demonstrar ao indivíduo que algo não está bem e faz com que ele olhe para dentro de si e reflita o que se passa consigo, mas a tristeza de muitos pais atualmente se deve também às perdas vivenciadas e ao isolamento que o COVID – 19 produziu.

A tristeza é uma das emoções mais desagradáveis e perturbadoras. Os indivíduos reagem de diferentes formas a ela. Alguns têm comportamentos agressivos, irritáveis, pois, ao serem agressivos, sua tristeza fica em um nível mais suportável. [...] Geralmente, a tristeza é decorrente de situações de perda, fracasso e separação. Os pensamentos que alimentam a tristeza são muito parecidos com os pensamentos de desamparo aprendido. O indivíduo se sente prejudicado para sempre e acredita que essa perturbação nunca irá acabar. (RODRIGUES, 2015, p. 133)

Mesmo com esses resultados dos 136 respondentes em relação a uma outra pergunta, *Cada adulto têm um estilo parental específico. Marque qual opção caracteriza o pai ou a mãe que você é atualmente. Eu dou...* é possível ver a quantidade de pais que marcaram cada resposta registrada a seguir: a) Muito limite e pouco afeto (10), b) Pouco limite e muito afeto, (25) c) Pouco limite e pouco afeto (4), d) Muito limite e muito afeto (97). Uma quantidade considerável respondeu a alternativa “d” que pertencia ao estilo participativo, porém quando analisa-se a sua ligação com as regras no dia a dia o resultado parece incoerente, mas talvez isso se deva pelo fato da pandemia ter desestabilizado a saúde emocional da maioria dos pais que não conseguem efetivar as regras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é uma etapa da educação básica que merece muitos cuidados específicos, pois a primeira infância é uma fase que o cérebro da criança está passando por muitas mudanças e o contato diariamente das crianças com telas digitais durante o ensino remoto da atual pandemia mundial do COVID- 19 convidou a Práxis Pedagógica a desinstitucionalizar o lugar da aprendizagem. O ensino remoto não irá substituir a potência e o estar com o outro que a educação presencial proporciona, mas se inscreve como possibilidade de continuidade do vínculo escolar. O estilos parentais repercutem diretamente na estabilidade das crianças frente ao ensino remoto e como os adultos da amostra dessa pesquisa estão em sua maioria sobrecarregados, isso dificulta uma relação mais saudável com esse novo ensino.

Os estilos parentais discutidos pela Educação Positiva estão intimamente implicados com o desenvolvimento da criança, repercutindo em sua saúde mental, física, bem como na sua aprendizagem. Percebe-se que a ansiedade e o estresse no cenário atual marcaram os adultos que agora assumem muitas atribuições, e fatores principais na educação de crianças como as regras e seu supervionamento sofrem um afrouxamento diário, e o cansaço dos pais pode interferir negativamente na aprendizagem da criança que precisa de vigilância constante com o



ensino remoto. Porém deve-se olhar que esse não é o único cenário, pois há pais e/ou cuidadores que fortaleceram sua conexão com as crianças durante a pandemia e desses pais muitos descobriram suas forças pessoais ao lidar com o ensino remoto de seus filhos e com sua aprendizagem. As crianças na Educação Infantil possuem especificidades que influenciam a sua aprendizagem, e cada uma tem seu modo de aprender, e muitos pais ao reclamarem da falta de atenção das crianças com as aulas remotas talvez não saibam que o mais importante do que olhar para as dificuldades e/ou déficits é atentar-se para as potencialidades que o ensino remoto tem, e mesmo com suas lacunas esse tipo de ensino e os profissionais da educação inscrevem uma nova aprendizagem para as crianças que é a aprendizagem do não lugar, e que coloca os professores entrelugares para fortalecer a educação na vida das crianças. Os professores se dedicam para servirem de apoio para uma aprendizagem que têm incluído muitas crianças na escola mesmo que à distância.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A; LEVCOVITZ, D; RODRIGUES, T. C. Infâncias em Educação Infantil, Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179 – 197, set/dez. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, Chicago, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966.
- CARTAXO, V. A. B. Operação pais sempre. Uma missão que não pode parar. Novo Hamburgo, RS: Sinopsys, 2016.
- DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: an integrative model. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 113, n. 2, p. 487-496, 1993.
- KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva, *Psicologia e Sociedade*, 16 (3): 7-16; set/dez. 2004
- LEITE, C. R. Estilos de Liderança de Professores: Conhecer para Compreender. Editora Appris, 2018.
- LINS, T. C. D. S. **Práticas educativas maternas e problemas internalizantes em pré-escolares**. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14512>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: HETHERINGTON, E. M.; MUSSEN, P. H. (Org.). **Handbook of child psychology: socialization, personality, and social development**. New York: Wiley, 1983. v. 4, p. 1-101.
- RODRIGUES, M. **Educação emocional positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição**, Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.
- SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Livro Pleno, 1995.
- SIEGEL, D. J; BRYSON, T. P. O cérebro da criança. São Paulo: nVersos, 2015.
- WEBER, L. N. Eduque com Carinho. Equilíbrio entre amor e limites. 6. ed. rev. e atual. Curitiba, PR: Juruá, 2017